

Latinidade e germanismo

*Não ha duvida que a Natureza dispôs
no mundo um logar proprio para exercer
um imperio universal ; e este logar é Roma.*

DANTE.

IV

Luthero

Esta figura de monge depravado e orgulhoso era para Fichte, tanto o *homem alemão* por excelencia, como o *prototypo da idade moderna*. Alguma coisa, certamente, o autor dos *Discursos á Nação alemã* tinha encontrado em Luthero de profunda e especificamente germanico, para que duma maneira tão clara o apresentasse a todos os alemães ciosos da sua raça como um modelo digno de seguir-se. Não erraremos afirmando que essa «alguma coisa» especificamente germanica era o feroz individualismo luthериано; mas, além desse individualismo, outra coisa mais havia; e se essa outra característica não foi explicitamente confessada por Fichte, foi por ele, com certeza, intuitivamente apercebida. Refiro-me á *obstinação* que, sendo uma das marcas do character de Luthero, é também uma das marcas do character germanico; — obstinação recentemente ainda revelada na inconsciencia com que os alemães, para vencerem a guerra, sacrificavam as suas vidas, atirando contra o inimigo massas sobre massas de homens, hordas sobre hordas; e refiro-me também á fraqueza, á debilidade da razão lutheriana para compreender a essencia e a universalidade das coisas, em prejuizo duma razão apta a compreender facilmente o particular, — debilidade que demonstrada na capacidade tecnica dos alemães e na sua facilidade de assimilação das obras alheias, com patente prejuizo dum espirito creador que poderia fazer a sua gloria, como faz a gloria dos latinos. O proprio Luthero, de resto, chamava aos seus compatriotas, sumaria-

mente, *gens aveugles*. E Chamberlain confirmando e corroborando Luthero, deixou escrito na *Genése* que chamar aos alemães «um povo de pensadores» era uma amarga brincadeira. «Se a razão é para a intelligencia o que o movimento dos olhos é para a vista, — meio logico de pensar, numa, meio fisiologico de vêr, noutra — um povo em quem a razão particular é superior á razão generica, ou é «um povo que pensa muito e não pensa nada», como o definiu Herder no seu *Journal*, ou um povo de sabios em vez dum povo de pensadores, como preferia Chamberlain — proposições diferentes aparentemente, mas fundamentalmente identicas.

Faltava ao individualismo germanico, ao pangermanismo atavico da raça, uma religião saída do seu proprio seio: «nesta falta duma religião verdadeira, saída da nossa propria natureza e a ela correspondendo», via o autor da *Genése do XX siècle* «o maior perigo que poderia ameaçar o futuro do germano; é o seu calcanhar d'Aquiles: quem o atingir, derrota-lo-ha». Luthero deu-lhe essa religião: o germano, para conquistar o mundo, tudo tem hoje ao seu dispôr, — todas as forças moraes, pelo menos, enquanto a sua força material se encontra subjugada por outra maior... Luthero deu ao germanismo uma religião que corresponde perfeitamente á sua natureza, porque tem como fundamento o individualismo congenito da raça. A Reforma é o *eu* lutheriano — e mais nada. «Sob este ponto de vista, o que distingue o pai do protestantismo dos outros grandes heresiarcas é que estes partiam antes de tudo dum erro dogmatico, duma visão doutrinarria falsa; quaisquer que sejam as suas origens psicologicas, a causa das heresias é um desvio da intelligencia, e as suas aventuras pessoais só importam na medida em que condicionaram este desvio. Com Luthero acontece doutra forma. O que importa é a sua vida e a sua historia. A doutrina vem em ultimo lugar. O lutheranismo não é um sistema elaborado por Luthero: é o transbordamento da personalidade de Luthero.» (1)

(1) Jacques Maritain. Cf. *Revue Universelle* de 1 de Janeiro de 1923.

Luthero não reformou o Christianismo: aviltou-o. O transbordamento da sua personalidade podia ser, de facto, a origem da sua deformação religiosa, sendo ao mesmo tempo um transbordamento das partes boas e sãs da sua personalidade. Ora o que aconteceu a Luthero foi precisamente o contrario. Os seus defeitos e as suas fraquezas é que determinaram a Reforma. Não que Martinho Luthero pecasse por falta de sinceridade! A sua força moral é que não correspondeu á sua missão e não resistiu ás fraquezas da carne. Entrando na religião num momento de tempestade moral, sob a impressão recente dum amigo morto em duelo, Luthero devia ter sido regular e talvez fervente na sua vida de monge. Queria em absoluto sentir-se em estado de graça e contava apenas com as suas forças, confiando sómente na energia da sua vontade para a consecução desse objectivo. Era fervoroso, era escrupuloso, era meticoloso na sua vida espiritual. Mas um dia perdeu toda e consolação sensível que até aí o fazia viver tranquilo. O seu espirito entra num oceano de angustias. Para as esquecer, ou pelo menos as acalmar, troca a oração pela acção: entrega-se a um labor constante e extenuante, mas depressa vê a inutilidade das obras: e ou por uma falta *interior*, ou por uma falta *exterior*, Luthero decai de tal modo que escreve a Stanpítz: — «sou apenas um homem sujeito a deixar-me arrastar pela sociedade, pela embriaguês, pelos movimentos da carne; não tenho em mim o necessário para viver em continencia.» Vendo-se por todos os lados envolvido pelo Pecado, deixa-se arrastar na onda e chega finalmente a esta conclusão pratica: *a concupiscencia é invencível.*

E' desta conclusão que resulta no espirito de Luthero o conflicto entre a razão e a fé. A concupiscencia foi por ele identificada com o pecado original, que nos corrompeu em absoluto, definitivamente, é que nem a graça do baptismo nem o ardor das obras piedosas, jámais poderão desfazer. O homem é, pois, radicalmente corrompido e mau. Mas, como Christo sofreu e morreu por nós, os pecados humanos estão antecipadamente expiados. «As obras são inúteis — é uma outra conclusão lutheriana: basta apenas ter fé. Peca fortemente, mas crê firmemente — e

serás salvo : *pecca fortiter, et crede firmitus*. A razão, porém, interrogada sobre as condições do bem futuro, não responderá assim. A razão ensina, e com ela a Igreja, que é pelas nossas obras que Deus nos pode perdoar as imperfeições. A Igreja exorta-nos, por isso, a praticar boas obras. Mas Luthero, sem forças para conseguir alcançar este caminho da virtude, concluia por separar a razão da fé, primeiro, e depois por ver na coexistencia da razão na teologia uma das causas principais da corrupção da Igreja. O que lhe apasigúa a tormenta, o que lhe concede a paz interior, não são as obras de piedade, feitas pelo amor de Deus, como a Igreja manda: são as doutrinas misticas do seu amigo Stanpitz, vigario geral da ordem dos Agostinhos. Luthero entrega-se á fé directa em Deus, em nome de Quem, em virtude dum bem gratuito e imerecido, Christo antecipadamente perdoou aos homens, apesar do seu irremediavel estado de perdição. Daí o odio de Luthero á filosofia, e sobretudo á escolastica. Daí o seu odio a S. Tomaz, «que nunca compreendeu um capitulo do Evangelho ou de Aristoteles» — Aristoteles, já de si «em relação á Teologia o que as trevas são em relação á luz...» No seu pleno direito, quer dizer, com a inteira liberdade dum christão, Luthero repele-o e renega-o solemnemente: *a logica em parte alguma é necessaria á teologia, porque Christo não tem necessidade das iuvenções humanas*. Tais são as conclusões a que pode chegar um monge caído nos piores defeitos humanos: mentiroso, devasso, bebado!

Como nós temos razão para rir e desdenhar do *Livre-Exame*, quando no-lo querem apresentar como um passo dado no caminho do progresso moral da humanidade, como uma libertação do individuo do dogma catolico! Que estranhos e miseraveis seriam, na verdade, os fundamentos dessa libertação! Mas, o que nesse capitulo mais nos pode interessar agora é a contradição fundamental do *Livre-Exame* com a propria *Liberdade*. O *Livre-Exame* de Luthero é fundamentalmente isto: a sobreposição da sua personalidade ás verdades ensinadas pela Igreja. Se porventura o abandono voluntario das doutrinas da Igreja podesse alguma vez representar uma libertação da pessoa humana, esse abandono, sendo determinado pelo *Livre-*

Exame, não passaria dum sacrificio rial da pessoa humana á desprezível personalidade de Luthero e ás suas doutrinas. O luthéranismo tem de individualista o ser para si a fé um estado de sensibilidade, um conjunto determinado de emoções subjectivas, variando de individuo para individuo, e que a razão não aparece a disciplinar e a ordenar. Precisamente por variar de individuo para individuo, não é uma doutrina concebida pela intelligencia dum creador-filosofo, um conjuncto de noções claramente conscientes e que a linguagem humana possa exprimir com precisão; não é uma filosofia: é um atomismo de sensibilidades. Aqui ha, rialmente, liberdade de sentir, como tambem ha liberdade de sentir na interpretação da Biblia, «fonte unica da fé», reservatorio unico da «palavra de Deus». Mas que papel importante tem aqui a razão? Nenhum. O seu papel é todo formal: para determinar o sentido exacto dos textos sagrados, a filologia substitue-se á teologia. Quanto á demonstração racional e filosofica da verdade religiosa, não é necessaria nem mesmo possível. O protestantismo creou uma religião subjectiva e sem dogmas. Mas, ao mesmo tempo, e logo desde Luthero, se manifesta uma necessidade incoercível de restaurar os antigos ou de crear dogmas novos. O que é propriamente *Evangelho*, e o que é *dogma*? Luthero tinha por parte integrante do Evangelho dogmas como o da Trindade e o da dupla natureza de Christo. Hostil ao que ele chamava as superstições bíblicas, o «reformador» não deixava tampouco de se inclinar diante dos textos biblicos, quando esses textos lhe pareciam comprovar de qualquer maneira as suas opiniões. Adversario da escolastica, nem por isso Luthero deixou de se embrenhar em polemicas interminaveis, lançando assim os fundamentos duma nova dogmatica — o que era fundamentalmente uma contradição com as suas doutrinas...

Livre-Exame! Parece á primeira vista, na verdade, que estas palavras contêm em si algum principio de liberdade rial. Mas, não. Não pode haver livre-exame sem um livre exercicio da razão, nem pode dignificar-se o livre exercicio da razão sem que primeiramente a razão em si e as

suas faculdades sejam dignificadas. Ora, para Luthero não só a razão em si é uma coisa inferior, como também o seu dogmatismo pessoal se opõe tenazmente ás opiniões dos seus adversarios. Onde reside, então, no *Livre-Exame* a dignidade da razão humana? Onde está a «liberdade de pensamento»? — «Eu não admito, dizia Luthero em 1522, que a minha doutrina possa ser julgada por ninguém, mesmo pelos anjos. Aquele que não receber a minha doutrina, não poderá alcançar a salvação». Estas afirmações, no tocante á «liberdade de pensamento». Quanto á dignidade da razão humana, Luthero ialará também: — «Os anabaptistas dizem que a razão é um archote... A razão espalha a luz? Sim, como a que espalharia uma imundicie posta numa lanterna;» a razão é «uma prostituida do diabo, roido pela lepra e pela sífilis, que se deveria esmagar e destruir com os pés, ela e a sabedoria...» — Eis o que é, fundamentalmente, o respeito pela liberdade e pela dignidade da intelligencia humana, trazido ao mundo com a revolta miseravel de Luthero contra a Igreja...

Augusto da Costa.

CONTEM PORANEA

GRANDE REVISTA MENSAL